

## PEDAGOGIAS DAS ENCRUZILHADAS

Luiz Rufino Rodrigues Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** este artigo é resultado de uma Tese de doutorado em Educação intitulada Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas. O mesmo tem como proposta desenvolver a crítica e propor outros caminhos no que tange as problemáticas do racismo, colonialismo e da educação. A ação aqui é invocar e encarnar as potências de Exu, divindade iorubana transladada na diáspora, para propor uma Pedagogia das Encruzilhadas. Parto da defesa da não redenção do colonialismo, problematizando a continuidade de seus efeitos na formação de um mundo múltiplo e inacabado, lido, aqui, a partir da disponibilidade conceitual assente na encruzilhada de Exu – que emerge, assim, como símbolo de um projeto político/poético/educativo outro. A pedagogia encarnada pelas potências do orixá tece um balaio de múltiplos conceitos que confrontam a arrogância e a primazia dos modos edificados pela lógica colonial. Dessa forma, mais que confrontar os limites da razão dominante, a proposta que por ora se lança aponta outros caminhos: a partir de invenções paridas nas fronteiras e nos vazios deixados, são sabedorias reconstrutoras dos seres que, na invenção do Novo Mundo, foram submetidos à política de subordinação, encarceramento e morte da raça/racismo. A educação, nesse sentido, é apresentada como caminhos enquanto possibilidades de reinvenção de seres, uma resposta responsável e comprometida com a justiça cognitiva/social e com a vida em sua diversidade e imanência.

**Palavras-chave:** Exu. Pedagogia das Encruzilhadas. Conhecimento. Antirracismo.

**Abstract:** This article is the result of a Doctoral thesis in Education entitled Exu and the Pedagogy of the Crossroads. I set from the defense of the redemption of colonialism. However, I question the continuity of its effects in the formation of a multiple and unfinished world, that is herein read, from the conceptual availability defined in the *encruzilhada* of Exu. Thus, it emerges as a symbol of an anti-racist/decolonial political/poetic/educational project. The pedagogy incarnated by the *orixá's* powers weaves a basket of multiple concepts that face the arrogance and the primacy of the modes fortified by colonial logic. This way, more than confronting the limits of the dominant reasoning, the proposition herein issued indicates other paths. Those paths emerge from inventions birthed in the limits and in the gaps that were left. Those are reconstructive wisdoms of the beings that were subject to the politics of subordination,

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação (UERJ), Mestre em Educação (UERJ), pedagogo (UERJ), professor substituto (UFRRJ-IM).



incarceration and death of race/racism in the invention of the New World. Education is herein presented as paths to possibilities of reinvention of the beings, a responsible answer dedicated to cognitive/social justice and life in its diversity and immanence.

**Keywords:** Exu. Pedagogy of *Encruzilhadas*. Knowledge; Anti-racism.

### A pedra lançada ao tempo

O que marca o nosso tempo? Reivindico como abertura de caminhos para essa travessia textual o questionamento feito por Césarie (2008) e também soprado por Fanon (2008). Ambos são aqui invocados como cumbas<sup>2</sup>, pretos-velhos da afro-diáspora, que escarafunchando o embaralhamento de signos da linguagem foram capazes de produzir perguntas que nos fazem esquivar do esquecimento propagado pelo colonialismo. Césarie e Fanon, junto a tantos outros, são aqui chamados para nos fazer lembrar que outros caminhos são possíveis. Assim, nos cabe, a partir do diálogo com as suas presenças atarmos respostas responsáveis, ações comprometidas com a vida.

Racismo/colonialismo/colonialidade marcam o nosso tempo. A raça e seus contratos de dominação (Mills, 2008) são os fundamentos alicerces da lógica colonial, perpetram a morte, aniquilamento, desencante e humilhação. A colonialidade é uma espécie de marafunda e carregue colonial (Rufino, 2017, 2016), ela opera como um sopro de má sorte que mantêm o assombro e a vigência de um projeto de dominação nas dimensões do ser/saber/poder. Porém, invocando o aforismo cantando pelos capoeiras ressalto que, nas margens do Novo Mundo os campos de batalha são também campos de mandinga<sup>3</sup>. Nesse sentido, a questão que nos abre caminho nos aponta outros horizontes. Assim, mais do que identificar o que marca o nosso tempo e o que emerge

---

<sup>2</sup> Cumba na cultura do jongo é o conceito utilizado para designar a sabedoria dos mais velhos, praticantes versados nos segredos e encantamentos da palavra e das magias que compreendem o rito. O termo cumba traz a noção de “poeta feiticeiro” ou “poeta encantador da palavra”. Em Rufino (2014), trago a noção como parte constituinte do pensamento jogueiro na tessitura de uma filosofia da linguagem.

<sup>3</sup> Máxima filosófica versada na cultura da capoeira: “lê, campo de batalha! lê, campo de mandinga!”.



enquanto demanda a ser vencida, devemos nos ater a forma que atravessaremos. Dessa maneira, quais sabedorias invocaremos para nos encarnar nesse jogo? É nessa perspectiva que emerge uma outra questão também enlaçada por Césarie (2008) e Fanon (2008), como nos reconstruímos diante do trauma vivido e nos lançamos nas batalhas contra a violência imposta por esse sistema? Somado a essas questões lanço uma outra: Quais caminhos se abrem enquanto possibilidade?

A decolonialidade não pode ser reivindicada como um mero fetiche conceitual como nos lembra Bernadino e Grosfoguel (2016), a mesma deve incidir na produção de conhecimentos e narrativas a partir de *loci* geopolíticos e corpos políticos de enunciação. A meu ver, uma ação decolonial haverá, assim como na habilidade da ginga dos capoeiras, encontrar saídas para as arapucas que obstruem nossas liberdades. Assim, o enfrentamento do trauma colonial não é meramente um ato de deslocolonização, como se fosse possível um retorno, ou seja, uma reivindicação do ser/estar em uma experiência anterior ao acontecimento. O que venho a defender é a decolonialidade como uma capacidade de resiliência e transgressão diante do trauma e da violência propagada pelo colonialismo e conservada na esfera da colonialidade. Nesse sentido, o que responderá acerca da nossa capacidade de invenção no confronto a dominação do poder/ser/saber são as nossas invocações, incorporações e performances orientadas por um outro senso ético/estético.

É nessa perspectiva que venho a propor uma *Pedagogia das Encruzilhadas*, um projeto poético/político/ético arrebatado por Exu. Nessa mirada o orixá emerge como *loci* de enunciação para riscar uma pedagogia antirracista/decolonial assente em seus princípios e potências. Exu, enquanto princípio explicativo de mundo transladado na diáspora que versa acerca dos acontecimentos, dos movimentos, da ambivalência, do inacabamento e dos caminhos enquanto possibilidades, é o elemento que assenta e substancia as ações de fronteira, resiliência e transgressão, codificadas em forma pedagogia.



Assim, as potências assentes nesse signo são aqui invocadas e encarnadas como força motriz capaz de produzir um atravessamento nos padrões de poder/ser/saber instituídos pelo colonialismo. Isso se dá, uma vez que, o mesmo é o elemento que versa acerca de todo e qualquer ato criativo, inclusive no que tange à capacidade de reconstrução dos seres. Ele é também o elemento dinamizador que nos possibilita pensar uma educação, uma vez que, em seus domínios operam os efeitos que movem os aprendizes, a dúvida como elemento propulsor, a experiência enquanto acontecimento e o devir.

Nessa perspectiva, a pedagogia encarnada por suas potências se lança como invenção poética/política que reivindica e revela o fenômeno educativo enquanto uma ética. Nessa perspectiva, Exu emerge como disponibilidade conceitual para pensar a radicalidade dos seres, suas cognições e subjetividades, a partir de outros referenciais transgredindo a noção simplista do fazer pedagógico como um mero modelo metodológico. A *Pedagogia das Encruzilhadas* mira primeiramente a reinvenção dos seres, a partir dos cacos desmantelados, o reposicionamento das memórias e a justiça cognitiva diante do trauma e das ações de violência produzidas pelo colonialismo.

### **Exu o pedagogo, a arte de tecer aprendizes**

Exu versa sobre os princípios da mobilidade, da transformação, das imprevisibilidades, trocas, linguagens, comunicações e toda forma de ato criativo. Nas máximas que trançam as esteiras dos saberes de terreiro, entre inúmeras formas, ele é reivindicado como o dínamo do universo, o linguista e tradutor do sistema mundo. Para muitos, é o signo que representa o inacabamento. Esse caráter é parte de seus atributos e lhe confere a condição de senhor de todas as possibilidades.

Assim, Exu vadeia além dos limites da racionalidade moderna ocidental, o mesmo compreende-se como um princípio cosmológico – em seu signo estão assentadas as noções acerca das estruturas, composições e dinâmicas do universo. O mesmo é também parte de uma problemática ontológica, na medida em que trata da natureza dos seres, das produções e princípios explicativos acerca das realidades e das múltiplas



formas de interação. Exu está também vinculado a uma problemática epistemológica, sua presença e suas formas de operação estão vinculadas às produções, presenças e origens dos conhecimentos. Ainda sob essa dimensão, o orixá protagoniza suas peripécias no que tange as questões relativas à diversidade de conhecimentos e a necessidade de giros, transgressões e rebeldias frente aos processos de colonização/racismo epistemológico. Outro ponto a ser destacado e que ressalta seus vínculos com esse campo é sua potência/natureza semiótica. Nesse sentido, a potência fundante de tudo que é criado faz valer o aforismo entoado nos terreiros: Exu é o “1” multiplicado ao infinito.

Exu é primordial. Sua potência nos concede a condição de existência, como também é o poder que opera dando o tom do acabamento em tudo. Porém, um dos aspectos que ganha destaque aqui é o fato de que Exu, enquanto saber praticado na diáspora, dimensiona a infinidade de golpes operados nos vazios da estrutura colonial. Essa potência é o que me orienta para as problematizações aqui tecidas e para a conceituação de uma pedagogia assentada em seu signo. Em outros termos, o fato de, nas bandas de cá, praticar-se as encruzilhadas cuspiendo marafo, baforando fumaça, arriando farofa, acendendo a vela, velando a vida, inventando terreiros e transgredindo mundos, fortalece a perspectiva da invenção nas frestas.

O que reivindico como outros caminhos possíveis não se credibiliza a partir da ignorância ou da negação dos conhecimentos já produzidos e institucionalizados pelo Ocidente. O que sugiro como caminho é o *cruzo* (Rufino, 2017), entre essas perspectivas e muitas outras historicamente subalternizadas, partindo da premissa de que a diversidade de experiências e práticas de saber (Santos, 2008) são infinitamente mais amplas do que aquilo que é autorizado pela narrativa dominante. Nesse sentido, é na potência do *cruzo* e na emergência do que eclode nas zonas de fronteira entre o que é cruzado que se fundamenta a minha reivindicação por Exu.

As encruzilhadas são campos de possibilidades, tempo/espço de potência, onde todas as opções se atravessam, dialogam, se entroncam e se contaminam. Uma opção



fundamentada em seus domínios não versa, meramente, por uma subversão. Dessa forma, não se objetiva, meramente, a substituição de uma perspectiva por outra. A sugestão pelas encruzilhadas é a de transgressão, é a *traquinagem* própria do signo aqui invocado. São as potências do domínio de *Enugbarijó*, a boca que tudo engole e cospe o que engoliu de forma transformada.

Os caminhos que partem do radical Exu de forma alguma podem se reivindicar como únicos. A encruzilhada invoca a máxima parida nos terreiros: *Exu é o que quiser*. Assim, ele é aquele que nega toda e qualquer condição de verdade para se manifestar como possibilidade. É *Elegbara*, o dono do poder, o andarilho que caminha na direção do rei, decepa-lhe a cabeça, mete-a no bernal e desaparece na curva a gargalhar<sup>4</sup>! Exu é assim, perambula pelo mundo, reinventando-o, a partir de travessuras.

Cabe a educação, fenômeno imbricado entre vida, arte e conhecimento a produção de respostas responsáveis que reinventem os seres e conseqüentemente o mundo. O fundamento primeiro da educação é a ética, elemento esse que nos leva a questionar sobre como as nossas existências respondem aos outros que nos interpelam. Assim, emerge a questão: Qual o movimento que escolhemos fazer para nos lançarmos enquanto um ato de responsabilidade comprometido com a vida em sua diversidade e imanência?

Exu, é o elemento que codifica e substancia os seres, suas capacidades de criação e diálogo, assim é ele o elemento propulsor de uma ética responsiva, uma vez, que é o fundamento que substancia e cruza toda e qualquer possibilidade. Exu lança os seres na capacidade de assumir suas presenças como respostas responsáveis que darão o tom do acabamento de suas existências. Nessa perspectiva, o mesmo se encarna como uma educação, assim qualquer noção que venha a negar a sua presença enquanto saber, é logo, contrária a mobilidade e a toda possibilidade de transformação.

---

<sup>4</sup> Menção a uma das narrativas presente em um dos 256 odus Ifá, sistema poético que compreende os princípios explicativos de mundo, as noções acerca dos seres e dos saberes na tradição iorubá.



### ***A primeira esquina: Cruzó, Rolê e Ebó epistemológico***

*Oritá Métà* ou *Igbá Keta* é um dos títulos de Exu que confere a ele a condição de o Senhor da terceira cabaça, podendo ser também conhecido como o Senhor da encruzilhada de três caminhos. Em uma das narrativas compreendidas no sistema poético de Ifá, conta-se que em tempos imemoráveis Exu recebeu a opção de escolher entre duas cabaças. A primeira continha o pó mágico referente aos elementos que positivavam a vida no universo, enquanto na segunda estava outro pó, referente aos elementos que negativavam a vida no universo.

Frente ao dilema entre as duas opções, Exu acabou surpreendendo a todos quando optou por uma terceira cabaça, esta vazia, sem existir nada dentro. Assim foi feito: trouxeram a terceira cabaça e a entregaram a Exu. Tendo a terceira cabaça em seu domínio, Exu retirou o que havia na primeira – o pó mágico referente aos elementos positivadores – e despejou na cabaça vazia. Logo em seguida, repetiu o procedimento com a segunda cabaça, retirando dela os elementos negativadores, e os despejou na terceira. Exu, então, chacoalhou a terceira cabaça, misturando os dois elementos, e em seguida os soprou no universo. A mistura rapidamente se espalhou por todos os cantos, sendo impossível se dizer o que era parte de um pó ou do outro, mas, agora, um único, um terceiro elemento.

O sentido de *Obá Oritá Metá/Igba Ketá* vez por outra também é apresentado a partir da interpretação de Exu como sendo o “+1”. Esse caráter o dimensiona enquanto ser inacabado, como potência que pode vir a se somar e alterar toda e qualquer situação. Assim, um de seus atributos diz respeito à regência das transformações do destino. Existe uma série de passagens que narram como Exu, a partir de suas transgressões, alterou de maneira improvável o desenrolar de situações limite. Cabe ressaltar, contudo, que as duas interpretações – dele enquanto 3 ou como +1 – indicam a força dinâmica do



desequilíbrio, ou até mesmo do conflito e da contradição existente entre dois polos. Como já dito antes, a potência de Exu não está na instância da ordem pelo seu avesso, mas sim nos deslocamentos e efeitos produzidos em um terceiro tempo/espço.

Partindo dessa breve apresentação do caráter de Exu enquanto *Obá Oritá Metá/Igba Ketá*, ata-se o ponto: o que Exu tem a nos ensinar enquanto o senhor da terceira cabaça, o senhor da encruzilhada de três caminhos? Quais as contribuições podem vir a emergir e substanciar a proposição de ações antirracistas/decoloniais?

Haveremos de convir que se educa para os mais diferentes fins. A educação, como prática emancipatória, deve incorporar instâncias de inconformismo, rebeldia e transgressão. Os modos de educação praticados nas bandas de cá não podem estar isentos de uma crítica que revele suas faces coloniais, nem de giros epistemológicos que desmantelem os arranjos alicerçados em estruturas monoracionalistas.

A encruzilhada aponta para múltiplos caminhos, afinal, a noção de caminho assentada no signo Exu se compreende enquanto possibilidade, e não como certeza. Dessa forma, a encruza compreende a coexistência de diferentes rumos, é logo uma perspectiva pluriversalista (Ramos, 2008). Em sua potência, diferentemente do que é praticado pela lógica ocidental, um caminho não se torna credível em detrimento de outros. A encruzilhada esculhamba a linearidade e a pureza dos cursos únicos, uma vez que suas esquinas e entroncamentos ressaltam as fronteiras como zonas pluriversais, onde múltiplos saberes se atravessam, coexistem e pluralizam as experiências e suas respectivas práticas de saber.

É a partir dessa perspectiva que lanço mão do que conceituo como *cruzo*, noção que compreende os procedimentos teórico-metodológicos que se orientam pelas lógicas assentes no signo Exu e em suas encruzilhadas. Os *cruzos* operam praticando rasuras e ressignificações conceituais. No que tange as questões acerca da produção de conhecimentos, essa noção versa-se como uma resposta responsável, fiel à noção de que nossas práticas de saber se tecem a partir das relações, e das consequentes alterações e acabamentos que nos é dado pelos outros.





Para nós, que vivemos em um mundo que edificou regimes de verdade a partir da interdição e da descredibilização da diversidade, nos resta lançar nossos dilemas na encruza, rasurá-los e reinscrevê-los de forma cruzada. Para que isso seja possível, teremos de praticar Exu enquanto *Oba Oritá Metá/Igba Ketá*; é isso que propõe a noção de *cruzo* assente na *pedagogia das encruzilhadas*. Essa noção está articulada a outras duas operações integrantes do balaio tático *exusíaco*. São elas as noções de *rolê epistemológico* e *ebó epistemológico*.

A noção de *rolê epistemológico* inspira-se nas sabedorias da capoeira para propor ações de desvio e avanço. Imprime, nesse sentido, a lógica do jogo. Os rolês caçam tempos/espacos para a prática das virações, esquiva-se, rola-se de um lado para o outro, finge que vai, mas não vai e aí se dá o bote, certo, eis que o *cruzo* então acontece. O *rolê* é ao mesmo tempo o movimento de desvio, de fuga, de ganho de espaço e de montagem de estratégias para a operação de golpes. A lógica do jogo não presume a aniquilação do outro com que se joga, mas permite a sedução, o destronamento, o drible e o golpe. *Se tentar me prender, eu giro; pronto escapuli, já estou do outro lado!* Assim, o conceito encarna as manhas do jogo de corpo para praticar no campo dos conhecimentos outras virações que potencializem a prática das frestas.

Como se sobrevive preservando referências e negociando posições em meio a relações solapadas pelas violências, irregularidades e desproporções que colocam grande parte dos saberes subalternos como alvos de extermínio? Arrisco dizer que isso só é possível incorporando as astúcias da ginga. Há de se jogar o jogo, afinal, o cotidiano colonial é um verdadeiro campo de batalhas e mandingas. Daí a necessidade dos *rolês epistemológicos*, operação essa diretamente articulada à noção de *cruzo* e que vem a invocar e amarrar o verso de uma terceira ação, a que conceituo como *ebó epistemológico*.

Se a vigência do projeto ocidental se constituiu por intermédio da subalternização, do desencantamento e do desaparecimento de inúmeros saberes, agora



será preciso invocar um outro espírito que os restitua. Assim, o que nos resta na tentativa de desfazer essas amarrações é esculhambá-las via os poderes do encante. Lancemos mão do repertório de mirongas dos “negos véio”, já que se torna cada vez mais necessário *desobsediar* os assombros e carregos alimentados pelo racismo/colonialismo.

O ebó, se configura como o conhecimento praticado, os ritos de encante e as tecnologias codificadas nos cruzamentos de inúmeras sabedorias negro-africanas transladadas e ressignificadas na diáspora, tem como efeito operar na positivação dos caminhos. Ao incidir sobre seu alvo o afeta, conferindo a ele mobilidade, dinamismo e transformação. O *ebó epistemológico*, nesse sentido, compreende todas as operações teórico/metodológicas que vem a produzir efeitos de encantamento nas esferas de saber.

Tomo como efeito de um *ebó epistemológico* a presença de Exu encruzado no debate educativo. À medida que Exu atravessa o debate, fundamentando uma pedagogia que lhe é própria, emergem transformações que desmantelam completamente a organização das estruturas dominantes. Contudo, ressalto que o efeito do ebó na positivação de caminhos não garante uma ordem livre de conflitos. Toda e qualquer ação que mire a transformação radical presume o conflito e o tem como potência. Independente dos impactos que podem ser gerados, considera-se que os efeitos que trazem dinamismo garantem a perspectiva da abertura de caminhos.

A noção de *ebó epistemológico* vem a contribuir para enfatizar as questões dos conhecimentos como parte também de uma problemática étnico-racial. De fato, existem instâncias dos conhecimentos versados na esteira ocidental que não só negam, como também são incapazes de pensar o mundo a partir de elementos assentes em outros modos de racionalidade. O ebó versa-se como um procedimento que confere uma espécie de sobrevida àquilo que padece de desencantamento. O que se compreende aqui como efeito de abertura de caminhos, de positivação, está diretamente vinculado à ordem do encantamento como acúmulo de energia vital, força mobilizadora da pujança criativa e da vivacidade dos saberes.



*Cruzos, rolês e ebós epistemológicos*, operações integrantes da *pedagogia das encruzilhadas*, versadas nos domínios e potências de *Obá Oritá Metá/Igbá Ketá*. Aí está o princípio instaurador das dúvidas, das ambivalências e desordens. Para um mundo edificado a partir das obsessões de grandeza e totalidade, produtor de regimes de verdades alicerçados em práticas de injustiças cognitivas/sociais, lança-se a sugestão: desvios, golpes, cruzos, anti-disciplinas, desobediências, feitiços, pragas rogadas, traquinagens, calças arriadas, tombos na ladeira... há uma infinidade de formas possíveis. Lança-se a arte do brincalhão, esculhambam-se as normas, as lógicas, e a destruição emerge como potência para a invenção. Onde emerge a dúvida, Exu está a nos apontar os caminhos para a reinvenção da vida.

#### **A segunda esquina: Encruzilhada, Assentamento e Terreiro**

O que é o Novo Mundo? Proponho lê-lo, a partir dos conceitos de *encruzilhada*, *assentamento* e *terreiro*. Essas perspectivas retornam ao conceito de Diáspora Africana e nos impulsionam pensarmos as sociabilidades trans-africanas, os processos trans/interculturais, as múltiplas relações das culturas com os tempos/espços e as suas ecologias de pertencimento, as perspectivas trans-locais das culturas negras e as suas cosmo-políticas, produtoras de contra-culturas e contra-narrativas em relação à modernidade (Gilroy, 2008). Todas essas perspectivas apontadas a partir das reflexões de Gilroy ao problematizar o ir e vir dos navios e a liquidez do oceano são aqui cruzadas ao que é trançado na esteira da *pedagogia das encruzilhadas*.

A abordagem dos fluxos, a partir de uma leitura do Atlântico como *encruzilhada*, enlaça Exu ao que é produzido a partir das travessias e dos cruzamentos de rotas feitas entre as Áfricas e as Américas. A diáspora africana lida pelo conceito de *encruzilhada* problematiza as ambivalências e contradições presentes no que foi projetado enquanto impossibilidade e se reinscreveu enquanto invenção. Ou seja, como a experiência trágica de despedaçamento das vidas, de suas práticas e organizações, reinventou-se, a partir das múltiplas formas de invenção e mediação do sofrimento.

As retiradas compulsórias, as travessias, os não retornos, a coisificação dos seres, a desordem das memórias e o desmantelamento cognitivo – trágicas faces que devem ser lidas em viés, na medida em que cruzam a essas experiências inúmeras ações



que revelam as reinvenções da vida. Mirar a diáspora africana a partir da noção de *encruzilhada* nos faz problematizá-la também nos termos dos inacabamentos. A provocação é tensa. A diáspora negra é um acontecimento em aberto, é um contínuo. A potência inventiva dessa grandiosa encruzilhada transatlântica enreda muitos outros *cruzos* que apontam muitos outros cursos possíveis. Assim, a diáspora continua a reverberar poderes de reinvenção da vida, seja cruzando e invocando potências ancestrais, seja produzindo novos sentidos a partir de um imaginário em África.

A manha dos jogos de corpo, a rítmica versada pelos tambores, a amarração de palavras, os encantos, as formas de cura, os conhecimentos do invisível, a leitura dos caroços e conchas, os transes, os sacrifícios que encantam a vida. Capoeiras, jongos, sambas, candomblés, macumbas, toda e qualquer sorte de expressões aqui recriadas. Todas essas manifestações são ressignificações a partir do recolhimento, montagem e cruzamento dos estilhaços de culturas vernaculares que foram despedaçadas ao serem lançadas em travessia.

A noção de *assentamento* propõe pensarmos as culturas afro-diáspóricas como práticas que vibram, encarnam e se imantam trançando uma esteira que se desenrola sobre um chão comum, que recebe calçamento a partir de condições e motivações próprias ao longo dos processos de invenção de territorialidades, saberes e identidades. Essas experiências multiplicadas a partir da fragmentação de outras<sup>5</sup> buscam reconstituir os elos de pertencimento alterados no trânsito e na impossibilidade de retorno.

A noção de *assentamento* aqui proposta cruza o sentido do termo, na amplitude de seus significados nos ritos afro-brasileiros, ao fenômeno de tessitura de uma rede cosmopolita, inter/transcultural afro-diaspórica. O que proponho com esse enlace é lançar mão do argumento que aponta a existência e as condições próprias de uma base estruturante que identifica e vigora as inúmeras expressões recriadas no Novo Mundo. Assim, as culturas negras transatlânticas encontram-se enredadas em uma complexa

---

<sup>5</sup> O caráter de multiplicação a partir da fragmentação faz alusão ao protagonismo de Exu presente na passagem atorun dorun esù, essa passagem integra o corpo poético de Ifá.



trama interseccional que evidenciam conflitos, negociações, circunstâncias, alianças, contaminações, recriações, frestas, dribles, entre outras inúmeras formas de invenção da vida cotidiana.

Chão sacralizado onde são plantados os segredos e praticados os encantamentos que vigoram e ressignificam a vida, o *assentamento* imanta e reverbera as energias que lhe foram consagradas, afetando diretamente aqueles que com ele estabelecem relações. Lá se estabelecem e se potencializam os vínculos entre os tempos presentes e os tempos ancestrais. Assim, grande parte do que é constituído enquanto *assentamento* se compreende como parte de um jogo secreto, não revelado. Compartilhar dos princípios que fundamentam o segredo é parte de uma experiência iniciática. Manter os enigmas e mistérios compreende a própria manutenção do vigor e da mobilização das energias assentadas. Aquilo que se enterra se transmuta e se encanta nos ritos de consagração do axé (energia vital); mesmo não revelado, torna-se responsável por afetar as práticas da comunidade. A diáspora negra enquanto *assentamento* é o calçamento de um chão comum onde se plantaram e plantam axés que imantam e emanam as energias que conferem mobilidade, criatividade e possibilidades para as invenções.

No curso das problematizações relativas ao fenômeno da diáspora negra, lanço mão de uma terceira traquinagem, a noção de *terreiro*. Essa noção se encarna no enigma versado nas travessias; o nó dado está encruzado entre a experiência de desterritorialização e as invenções de outros tempos/espacos praticados. Assim, a noção de *terreiro* assente na *pedagogia das encruzilhadas* não se limita somente à fisicalidade do que se compreende como espaço de culto das ritualísticas religiosas de matrizes africanas, mas abrange todo “campo inventivo”, seja ele material ou não, emergente das criatividadees, das necessidades e dos encantamentos dos tempos/espacos. Na perspectiva aqui traçada, o termo se pluraliza, excedendo as compreensões físicas para transbordar, em outros sentidos, para os campos simbólico e político.

As invenções de *terreiros* nos possibilitam mirar o alargamento das interpretações e conhecimentos acerca do mundo. A cada pedido de licença ao dobrar a esquina, a cada gole lançado ao chão, nos repertórios gestuais, nos benzimentos, nos alinhaves de versos, na circunscrição de sons e ritmos, na moeda lançada na porta do



mercado, no cigarro compartilhado na rua, em todas essas e ainda em muitas outras formas estão a se inventar *terreiros*, que são as múltiplas temporalidades/espacialidades encarnadas por esses saberes praticados – aí se determina quem “tá dentro e quem tá fora” do jogo e do mundo criado.

A perspectiva lançada a partir da noção de *terreiro* nos revela ainda um elemento que deve ser abordado de forma cuidadosa e atenta, o elemento corporal. Considero que os corpos transladados na diáspora são o suporte principal para as invenções de *terreiros*. Esses devem ser compreendidos como sendo a própria incorporação desses ‘tempos/espacos’, ou seja, *corpos terreiros*. Assim, à medida que o corpo negro foi desterritorializado, através de seu suporte físico e de suas potências, foi tornando-se capaz de recuperar e ressignificar memórias comunitárias, reconstruindo formas de sociabilidade e práticas de saber. O corpo é a instituição máxima e integrante da experiência em comunidade, é ele o elemento que institui e organiza o projeto comunitário.

### **Terceira esquina: Incorporação e Mandinga**

O que pode o corpo<sup>6</sup>? Deslizarei nessa esquina praticando gingas, negaças, esquivas e *rolês*... ah, os *rolês*! Esses são sempre bem-vindos, me permitem as fugas, os pulos e deslocamentos, e quando menos se espera, o bote. Não se aperreiem, quando o silêncio é absoluto, é porque Exu já os engoliu e está a inventar outras possibilidades.

As questões enlaçadas no verso acima nos abrem muitos caminhos, que atravessarei sendo fiel ao espírito traquina que me toma. Exu é também *Bara* (Dono do corpo) e *Elegbara* (Senhor do poder mágico), princípios dos quais partirei para versar minhas problematizações acerca dos saberes corporais. Nessa última esquina, invocarei as potências do corpo para lançar mão das noções de *incorporação* e *mandinga*, que nos ajudarão a destravar as tensões e os nós dos nossos esquemas cognitivos.

A ênfase no corpo e nas suas potências o revela como suporte fundamental para a emergência e a credibilização de saberes que transgridam as ordens do racismo/colonialismo epistemológico e o reposicionamento do ser alterado pela

---

<sup>6</sup> Menção ao pensamento de Spinoza em *Ética* (2007).





destituição ontológica produzido pelo projeto do Ocidente-europeu. Assim, a retomada do corpo é ponto crucial da *pedagogia das encruzilhadas*. Digo isso não somente por ser Exu o princípio que fundamenta todo o poder e capacidade explicativa em torno desse elemento, mas por ser o território corporal o primeiro lugar de ataque do colonialismo. O racismo, o dismantelamento cognitivo, a desordem das memórias, a coisificação do ser, os protocolos disciplinares coloniais a que o corpo está submetido, os traumas, as tensões musculares marcam o corpo do colonizado o produzindo a experiência do duplo e o polimento de seus modos que o levam para a construção de um embranquecimento alucinatório. Tudo o que foi eximamente problematizado nas passagens de Fanon (1968, 2008) e revelou as atrocidades do colonialismo deve ser implodido, atacado nas mais profundas raízes de sua edificação.

Para essa transformação radical direi que devemos colocar o pau de Exu para fora. Perdoem-me a indelicadeza, mas a sugestão feita busca ir na contramão do que paira em nossas mentalidades assombradas pelo pecado. O investimento da religião como parte do projeto de dominação colonial foi crucial para a construção de alguns demônios. Por aqui, “pintaram o diabo a quatro” e até os dias de hoje ele insiste em nos assombrar. Rasurando a máxima que reivindica a expulsão dos demônios<sup>7</sup>, reivindico que eles sejam libertados das garrafas<sup>8</sup>. Livres, essas potências desestabilizadoras nos ajudarão a desatar os nós dos pecados, das culpas e dos infernos aqui criados.

O falo de Exu esculhamba a produção de ignorância que interdita o corpo como esfera de saber. A dilatação dos vasos sanguíneos e o enrijecimento do órgão falam sobre os poderes de mobilidade, dinamismo, transformação, procriação e continuidade. Para as visões miradas a partir de seu signo, o poder de Exu manifesta-se aí. Outra

---

<sup>7</sup> Menção as inscrições urbanas: *Só Jesus expulsa demônios das pessoas*.

<sup>8</sup> Menção a narrativa popular que diz acerca de pactos feitos, a partir do aprisionamento de demônios em garrafas. Essa narrativa tem inúmeras variações, algumas delas o referido demônio aparece na veste de outras figuras da cultura popular brasileira, uma delas é o Saci-Pererê.



forma dessa expressão é também o que é soprado pela boca, no hálito ritmado, vestido em sons e palavras. Nesse sentido, Exu nos dá importantes contribuições para o alargamento dos conhecimentos, contrastando o que está posto pelas razões ocidentais. Para as noções assentes em seu signo, não há separação entre corpo e mente, tão quanto entre os discursos verbais e não verbais. É Bara e Elegbara que nos permitem trabalhar com esferas de saber que revelam uma complementaridade entre os gestos e falas na produção de presenças da afro-diáspora.

As noções de *Bara* (Dono do corpo), como o princípio das nossas individualidades e de nossa fisicalidade, junto a *Elegbara* (Senhor do poder mágico), princípio das potências encarnadas pelo corpo, como todo movimento e ação criativa, são fundamentais para giros conceituais que nos permitam outras leituras sobre o corpo e suas potências. Esses domínios, para perto dos quais também podemos trazer o de *Enugbarijó*, serão responsáveis por nos apontar caminhos a partir da indagação que problematiza as possibilidades corporais.

Dessa maneira, no que tange o corpo, a *pedagogia das encruzilhadas* o compreende como suporte de memórias, saberes, matriz primeira e potência motriz. Essa consideração está presente na noção de *incorporação*, conceito que circunscreve e credibiliza a dimensão dos saberes praticados, partindo do pressuposto de que todo saber, para se manifestar, necessita de um suporte físico. Assim, o suporte físico-corpo é, por sua vez, parte do saber; não há separação entre eles. O suporte físico – corpo humano ou outra materialidade – é incorporado por um efeito, um poder que o “monta”.

A noção de *incorporação* traz para encruzilhada também a de *mandinga*, que, por sua vez, é versada aqui como umas das formas de sapiência do corpo vibradas nos tons da magia e do encantamento. As *mandingas* ressaltam aspectos ímpares e estão vinculadas aos saberes corporais envoltos a atmosferas mágicas, únicas e intransferíveis; configuram aquele tipo de saber que não pode ser traduzido por outras textualidades que não sejam as pertinentes aos limites da sua própria manifestação, e só pode ser vislumbrada no rito, na performatividade, em consonância com os elementos que compõem a dimensão da magia.

Ah, camaradinhas, o mundo tem seus mistérios. *Mandinga* é mumunha de “nego véio”, é buraco de cobra, é nó em corda seca, é Besouro Preto que avoa! Mandinga é Exu, que *carrega azeite em uma peneira e não perde sequer uma gota*<sup>9</sup>. As mandingas são os saberes que navegam no invisível, e vira e mexe baixam em nós! O mandingueiro é aquele que incorpora o saber que se manifesta e se dilui em questão de segundos. *Quem viu, viu! Quem sabe, sabe! Quem tá dentro não sai, e quem tá fora não entra!*

Existem muitos outros caminhos possíveis. A ênfase no corpo alude aos saberes cosmopolitas enredados em tramas pluriepistêmicas. Ao elencar o protagonismo do corpo e a potência de seus saberes, a *pedagogia das encruzilhadas* dobra a lógica colonial. Se, para cada centena de mortos pelo colonialismo, se constrói uma igreja, na perspectiva das encruzilhadas, cada corpo é um totem que imanta e reverbera potências de saber. É nesses termos que, vira e mexe, baixam por aqui praticantes de outros tempos.

Firmo o ponto novamente: a racionalidade moderna ocidental é decapitada e assombrada pela má sorte de ter o corpo (bara) deslocado da cabeça (ori). As questões acerca dos saberes (epistemologias) perpassam necessariamente por um reconhecimento do corpo, na medida em que todo saber só é possível quando praticado, ou seja, incorporado. Se as questões acerca do saber estão diretamente vinculadas à dimensão das práticas, das incorporações, e dos agentes que as fazem, as questões epistemológicas se inscrevem como uma problemática étnico-racial.

A partir dessa defesa é que me fidelizo a ressaltar as proezas de *Bara* e *Elegbara*, para despachar uma crítica à negação dos saberes corporais investida pelo projeto monoracionalista ocidental e lançar proposições que o transgridam. As perspectivas advindas de Exu são mais um golpe operado pela *pedagogia das encruzilhadas* que provoca uma desordem, na medida em que traz o corpo para o cerne do debate político/epistemológico/educativo.

---

<sup>9</sup> Trecho de uma narrativa mítica que ressalta a proeminência de Exu.



As perspectivas da pedagogia proposta estão radicalmente fundamentadas nos princípios de Exu para propor outros cursos epistêmicos. Segundo as sabedorias versadas nos terreiros, *Bara* é o elemento individual corporificado que, junto ao *Ori*, individualiza o ser – *Bara*, o corpo, e *Ori*, a cabeça, integrados, marcam as individualidades e os caminhos que cada um de nós carregamos.

É nos domínios de *Elegbara* (Senhor do poder mágico), onde estão de frente o dinamismo e o pulsar das energias que constituem, conectam e perpassam as existências como um todo, que se assentam as potências de todo movimento e ação criativa. É *Elegbara* que funde o princípio da existência, das possibilidades e da imprevisibilidade. Nas palavras assentadas na esteira do saber popular dos terreiros, *é a força de Exu – o movimento como um todo* – que nos dará forças para reinventarmos os mundos, praticando caminhos por encruzilhadas. Laroiê! Mojubá Exu!

### Referências bibliográficas

- CÉSARIE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução, Anísio Garcez Homem. Letras Contemporâneas. 2010.
- FANON, Frantz. 1968. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_. 2008. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.
- GILROY, Paul. 2008. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos.
- GLISSANT, Édouard. 1995. *Introduction à une poétique du divers*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal.
- MIGNOLO, Walter D. 2008. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Cadernos de Letras da UFF- Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, (p.p 287-324).
- MILLS, Charles W. *O Contrato de Dominação*. Meritum- Belo Horizonte- v.8-nº2-p15-70-jul/dez. 2013.
- RUFINO, Luiz. *Performances afro-diaspóricas e decolonialidade: o saber corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas*. Revista Antropolítica, nº 40, Niterói, p.54-80, 1.sem. 2016.
- \_\_\_\_\_. *Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas*. 231 f. (Tese), Doutorado em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Histórias e Saberes de Jongueiros*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.
- SPINOZA, Benedictus de. 2007. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica.
- TAVARES, Julio. 2012. *Dança de guerra- arquivo e arma: elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira*. Belo Horizonte: Nandyala.